



Anicujãra
e a pedra do trovão

Rodrigo Santos

anicijara
e a pedra do trovão

Rodrigo Santos

Copyright by © Rodrigo Moreira dos Santos

Projeto gráfico, capa e diagramação	Mundodrigo – Soluções em Tecnologia
Revisão	Juliana da Conceição
Ilustrações	Marcilio de Jesus Conceição

S237a Santos, Rodrigo, 1987-

Anicejara e a pedra do trovão / Rodrigo Santos.
1.ed – Suzano, SP – 2021.

109 p. : il.

ISBN 978-65-900127-0-8

1.Ficção e contos brasileiros 2.Aventura. 3.Contos e Lendas. 4.Folclore Brasileiro.

I. Título

CDD: B869.3

A todos os heróis e todas as heroínas que enfrentam, dia após dia, suas jornadas com coragem e determinação.

***“Um grande guerreiro faz sua
própria tribo, se preciso for, mas não
vive em uma tribo com a qual não
concorda”***

Nubipakã

Esta é uma obra de ficção livremente baseada em personagens e contos do folclore brasileiro e na mitologia indígena nacional. As personagens e situações foram pensadas com profundo respeito e como uma homenagem à cultura que os inspirou.

Sumário

Um Pai amargurado.....	9
O início do fim.....	14
O Escolhido.....	20
Sorte ou Azar.....	25
A Floresta.....	29
Companhia.....	32
Invisibilidade.....	35
Monstros.....	39
Desafio impossível.....	45
Encantos e Desejos.....	55
Caverna dos desejos.....	64
O Monte Sagrado.....	73
Sacrifício.....	77
Revelação.....	83
Filho contra Pai.....	89
Conclusão.....	95
O próximo passo.....	103
Glossário.....	104
Personagens folclóricos apresentados em Anicejara e a Pedra do Trovão.....	104
A tribo.....	108
O autor.....	108
O ilustrador.....	109
A revisora.....	109

Um Pai amargurado

Mesmo sabendo que meu filho salvaria a todos da aldeia, eu sempre o tratei mal. Mas eu não tinha escolha, como isso poderia ser diferente?

Naquela noite, raios caíam por toda a parte. Parecia uma grande tempestade, mas a noite toda não caiu uma única gota de chuva... Naquela noite, ele chegou no meu mundo. Naquela mesma noite, minha esposa foi arrancada de mim.



Nestes quatorze anos que se seguiram, não houve um único segundo em que me esqueci daquela noite. Não houve

Anicejara e a pedra do trovão

um só segundo em que eu não pensasse em tudo o que aconteceu e no que haveria de acontecer por ele estar aqui na aldeia.

Eu sou Abaeté, o oitavo Pajé da tribo Guarainã. Desde a morte do nosso Cacique, há sete anos, acumulo as duas funções. Nosso povo vive em harmonia e prosperidade. Nossa aldeia foi construída, há muitas luas, ao redor de uma Pedra do Trovão, um presente do Deus Caramuru, que cria uma barreira mágica de proteção ao nosso redor, impedindo que as criaturas da floresta nos ataquem. Talvez por isso, somos o povo mais avançado desta região.

As terras ao nosso redor são selvagens e perigosas. Cercadas por caaporas e curupiras, sem falar na tribo amaldiçoada dos lobisomens que, vez ou outra, aparece por esses lados. Mesmo assim, nossa aldeia é um verdadeiro paraíso: com terras férteis e muitas plantações, e nosso rio cruzando toda a aldeia, cada pôr do sol é uma verdadeira pintura de Tupã. As crianças brincam tranquilas e seguras, os homens plantam e pescam, as mulheres mantêm a ordem das casas e famílias. Raras vezes precisamos sair da aldeia.

Gosto muito de andar pela aldeia e cruzar a ponte

sobre o rio, assim tenho oportunidade de ver como as coisas estão, conversar com meu povo e encontrar soluções para os possíveis problemas. Gosto especialmente de ver os pequenos curumins brincando de seus jogos pelo Nhum-oby, o lindo campo verde no centro da aldeia.

Toda essa beleza da aldeia se contrapõem a seriedade e medo que a cada dia se torna mais evidente em nosso meio, principalmente sobre os mais velhos. Há uma velha profecia, lançada pelo nobre Nubipakã, o primeiro Pajé de nossa aldeia, que a construiu neste lugar. Uma parte de seus textos diz o seguinte:

*“No vigésimo sexto aniversário da iniciação
do oitavo pajé da tribo,
a Pedra do Trovão escurecerá
e a aldeia viverá em grande perigo.
A salvação do povo virá da coragem do escolhido
que com lágrimas e sofrimento mudará,
obrigando o poder do raio caído,
pela segunda vez surgir no mesmo lugar.”*

Anicejara e a pedra do trovão

Esse texto é conhecido de toda a aldeia e como eu já havia dito, eu sou o oitavo Pajé. Há várias interpretações para a profecia, mas, de qualquer forma, a cada dia chegamos mais perto do momento em que “a Pedra escurecerá e a Aldeia viverá em perigo”. Isso tem me deixado angustiado, por não saber ao certo o que fazer, para evitar o sofrimento do meu povo.

Por isso venho aqui na ponte e fico vendo os curumins, futuro dos Guarainãs e imaginando como será este futuro...

— Pai... – sou interrompido de meus pensamentos pela voz de Anicejara, meu filho – Desculpe! Pajé, terminei de fazer as cabeceiras para as novas plantações. O senhor precisa de mais alguma coisa?

— Não, Anicejara. Acho que já está bom por hoje.

— Então eu posso caminhar com o senhor para inspecionar a aldeia?

— Bom... pensando bem, preciso que você verifique as fronteiras da aldeia para ver se tudo está em ordem.

— O que?! Percorrer toda a fronteira da aldeia? Pajé,

isso vai demorar muito e eu gostaria de caminhar com o senhor, para aprender sobre o gerenciamento da aldeia, assim...

— Anicejara, - interrompo sua fala - você já tem minhas ordens! Escolha três ou quatro guerreiros e verifique as fronteiras. Tem muitos dias que esse trabalho não é feito.

— Claro, senhor! - Anicejara abaixa a cabeça. - Mas é sempre isso: está sempre me dando atividades para que eu não fique perto de você...

Fico vendo ele correr na direção da Oca dos Guerreiros. Ele tem razão, desde quando ele nasceu procuro ao máximo mantê-lo ocupado e longe de mim. Aos três anos



ele já frequentava a Guarinim, nossa escola de guerreiros. Geralmente, os curumins começam os estudos de guerra aos seis anos. Obriguei-o a estudar todas as artes possíveis: flecha, lança, agricultura, pesca,

Anicejara e a pedra do trovão

medicina das plantas... e nunca me contentei que ele não fosse o melhor. Assim ele passa todo o seu tempo ocupado e longe de mim.

O início do fim

Ao entrar na Oca dos Guerreiros, Anicejara é saudado com reverência.

Toda a pesada formação de meu filho lhe concedia uma condição especial na aldeia Guarainã: ele era respeitado!



Toda a aldeia reconhecia seu esforço e dedicação em tudo o que fazia, e não havia um único guarainã que não o admirasse. Apesar de ainda ser um curumim, podia conversar de igual para igual com qualquer índio na aldeia.

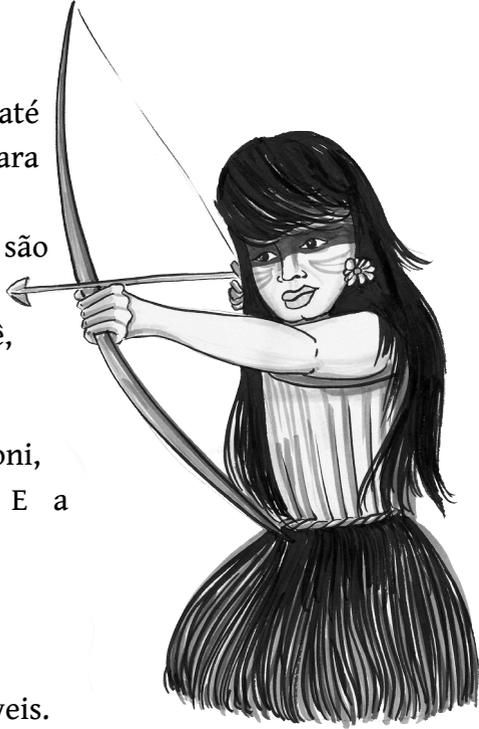
— Raoni, meu pai me mandou reunir alguns guerreiros e verificarmos as fronteiras.

— Que estranho, Anicejara. Vocês vão demorar até depois do sol se pôr para percorrer toda a fronteira... mas se são ordens do Pajé Abaeté, obedecemos. Leve o Kauê, o Piatã e a Niara.

— Desculpe, Raoni, mas são três alunos. E a Niara? Ela só vai nos atrasar.

— Infelizmente só temos eles disponíveis. Além disso, será muito bom para o treinamento dela este tipo de reconhecimento.

A jovem Niara era a única menina a frequentar a Guarinim em muito tempo. Apesar de ser uma guerreira promissora, sofria extremo preconceito por ser mulher.



Anicejara e a pedra do trovão

Anicejara reuniu os três jovens guerreiros e partiu com eles para as fronteiras guarainãs.



O trabalho era muito simples: percorrer toda a fronteira da aldeia, verificando se haviam evidências de que algo tivesse passado pela Marca de Sangue e reforçar a marca onde fosse necessário. Marca de Sangue era o nome que dávamos a uma linha feita com tinta de

urucum, que ficava a um metro para dentro do limite da proteção da Pedra do Trovão.

A barreira mística produzida pela Pedra do Trovão impedia que seres mágicos passassem, mas não impedia animais e pessoas de atravessar, por isso de tempo em tempo era necessário corrigir a Marca de Sangue. E observá-la também permitia saber se algum intruso, índio ou animal, estava na aldeia. Era um trabalho bastante chato, pois em

muito tempo não houve nenhuma ocorrência de invasão.

O sol estava quase se pondo, quando o grupo chegou a Encosta Syryk.

— Gente, que marcas estranhas são estas? - Piatã perguntou enquanto olhava os rastros vindos da direção do precipício.

— Que estranho, que bicho subiria por aqui? - Disse Kauê, observando a Encosta formada por rochas pontiagudas.

Enquanto os quatro olhavam ao redor procurando mais pistas de qual animal teria passado por ali, ouviram um assobio agudo e tenebroso, ao mesmo tempo que os últimos raios de sol tocavam a copa das árvores.

— Um curupira! - gritou Piatã, levantando seu arco.

Não era possível, um curupira havia atravessado a proteção mágica!

Uma mistura de assombro e curiosidade tomou conta de Niara e Kauê que nunca haviam visto uma criatura como aquela. O ser parecia um índio de baixa estatura, muito

Anicejara e a pedra do trovão

peludo e com dentes afiados como do pirarucu.

O curupira olhava para eles com seus olhos vermelhos, enquanto as sombras cobriam o lugar.



Num piscar de olhos, a criatura arrancou o arco das mãos de Piatã e mordeu a mão direita de Kauê. O curupira era extremamente rápido.

Os quatro ainda tentavam entender como o

monstrengo havia entrado, quando ele derrubou Kauê e Piatã com um só golpe e agarrou Niara pelos cabelos negros. Num reflexo, Anicejara pulou sobre ele e os dois rolaram morro abaixo para fora da proteção da Pedra.

Ao chegarem lá embaixo, a última coisa que o jovem índio viu, antes de desmaiar, foi o curupira fugindo.

Não pare agora!

Como este curupira atravessou a Marca de Sangue? O que acontecerá com Anicejara? Será que chegou o momento de se cumprir a antiga profecia de Nubipakã? Esse encontro mudará a vida do jovem guerreiro de uma maneira que ele não poderia imaginar

[Clique aqui e continue essa aventura](#)

Anicejara

e a pedra do trovão

Anicejara é um jovem criado com muito rigor pelo seu pai, o pajé e líder da tribo, que ele tem certeza que o despreza por sua mãe ter morrido no dia de seu nascimento.

Além dos problemas familiares, o fim do poder ancestral da Pedra do Trovão coloca a vida de todos na Aldeia Guarainã em perigo. Agora, por um capricho do destino, Anicejara acompanhado de sua nova amiga Niara, partem em uma missão para pedir ao deus Caramuru que restaure a proteção da aldeia, enfrentando criaturas fantásticas e muitos perigos.

Mas será que a bravura dos jovens guerreiros será suficiente para superar todos os obstáculos da viagem? Será que eles serão capazes de convencer o deus dragão a salvar a aldeia? Ou este será o fim de todo um povo?

Anicejara e a pedra do trovão é uma jornada de superação e autodescoberta ambientada na mitologia brasileira. Neste conto você redescobrirá personagens de nosso folclore em uma aventura épica e cheia de emoções.

ISBN 978-65-900127-0-8



9 786590 012708